

MACHADO DE ASSIS NA SALA DE AULA - A LEITURA LITERÁRIA SOB PERSPECTIVA BARTHESIANA

Michelle Braz Nogueira¹
Denize Nogueira Magalhães²
Gisela Maria de Lima Braga Penha³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo desvelar as forças da literatura postuladas por Barthes que permeiam os contos de Machado de Assis, e assim sugerir atividades que foquem a realização de uma leitura literária que seja plena e possivelmente utilizada em sala de aula pelo professor para atingir a verdadeira dimensão literária. Barthes, em sua obra *Aula*, destaca três forças que enriquecem os textos literários, são elas: Mimeses, Mathesis e Semiosis. Para o semiólogo francês, os textos são repletos de saberes, ricos em plurissignificação e instrumento de representação da realidade. Logo, o texto literário torna-se espaço para a reflexão do comportamento do homem em sociedade. Por esse motivo, a literatura deve ser desenvolvida no meio escolar por intermédio de atividades que mostrem o verdadeiro poder literário, aquele que possivelmente libertará os educandos de uma leitura monótona, improdutiva, para que assim possam perceber que ler uma obra literária é muito mais do que simplesmente preencher fichas de leituras, ao contrário, a leitura literária suscita reflexões sobre a vida de cada um e a alteridade, dando, a cada um, a possibilidade de se tornarem mais humanos. Como aporte teórico, temos, além de Roland Barthes (2013), Candido (2011), Cosson (2014), Paulino (2016), com reflexões sobre o ensino da literatura.

Palavras-chave: Literatura; Ensino de literatura; Leitura literária; Forças da literatura

ABSTRACT

This article aims to examine how the three forces of literature postulated by Barthes permeate the tales of Machado de Assis, and so to suggest activities that focus on the achievement of literary reading that be plenty and can be used in the classroom by the teachers to attain the real literary dimension of the text. Barthes in his work *Aula* emphasizes three forces that enrich the literary texts: *Mimeses*, *Mathesis e Semiosis*. For the French semiologist, texts are full of knowledge, rich in plurisignification, and an instrument for representing reality. Therefore, the literary text becomes a space for a reflection of the behavior of man in society. For this reason, literature should be explored in the school environmental through activities which show the true literary power, the one that possibly frees the learners from a monotonous and an unproductive reading in order to realize that reading a literary work is much more than simply filling out some reading sheets, moreover the literary reading raises reflections on the life of each one and alterity, giving them a chance to become much more human. The

¹ Mestranda Profletras – UFAC

² Mestranda Profletras - UFAC

³ Profª Drª do Profletras da Universidade Federal do Acre – UFAC

theoretical basis for this study includes, in addition to Roland Barthes (2013), Candido (2011), Cosson (2014), Paulino (2016), with reflections on literature teaching.

Keywords: Literature; Literature teaching; Literature reading; Forces of literature

A importância da Literatura

Por meio de estudos já realizados, ficou muito mais evidente, quão diferente é o homem, no que diz respeito ao raciocínio, em relação aos demais seres vivos. O homem é dotado de um poder superior de percepção, atenção e memória refinadíssimos, resultado da interação, por meio da linguagem, com o meio social em que vive.

A capacidade de reflexão, de ir e vir em pensamentos e devaneios, bem como trocar experiências é unicamente humana. Para alimentar essa necessidade humana de refletir, sentir e sonhar, o sujeito tem ao seu alcance a literatura. Por meio da arte da palavra, o homem tem a possibilidade de humanizar-se ainda mais, através de sua interação com o objeto literário.

Antônio Candido, em seu texto *O direito à literatura*, inclui a arte da palavra na lista de direitos básicos do ser humano, tornando-a tão essencial quanto moradia, alimentação, saúde e educação. O autor afirma que o homem necessita, para uma sobrevivência sã, do sonho, da imaginação e de uma espécie de fabulação. Desta forma, define a literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011, p. 174)

Tudo o que é resultado da criação do homem por meio da palavra no momento em que ele deixa aflorar sua imaginação e sensibilidade ao perceber e refletir sobre o mundo a sua volta, para Candido é literatura. O estudioso de uma forma enfática justifica o motivo pelo qual ela é tão necessária ao homem:

Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. [...]. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. (CANDIDO, 2011, p.175)

O afastamento da realidade nos possibilita refletir e repensar nosso posicionamento diante das situações que a vida nos coloca. A literatura nos abre a porta para esse momento de meditação. Cosson endossa a importância e a necessidade humana da literatura:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. [...] A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. (COSSON, 2014, p.17)

A literatura nos permite somar vivências, a do leitor e a do texto, sem que nenhuma das partes deixe de ser quem é, mas que consiga enxergar nas palavras do outro algo que lhe é comum. Dessa forma, faz-se necessária sua presença na escola, lugar instituído como formador, não só acadêmico, mas também para a vida. Cosson ratifica que é “por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas” (2014, p.17).

O ensino da literatura infelizmente, tem se reduzido a aulas que focam a história da literatura e a divisão dela em escolas literárias. O que se tem observado ao longo do tempo é que o estudo do texto literário tem se restringido ao preenchimento de fichas de leitura, ao limitar a interpretação da obra literária em respostas que oscilam entre o certo e o errado. Neste ambiente, a leitura literária, que deveria ser o objeto das aulas de literatura, deixa de existir e os alunos ficam impossibilitados de perceber a dimensão da arte da palavra.

Graça Paulino (2016) diz que a leitura literária é “quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa”, e o que se tem percebido é que esse prazer pela leitura tem passado muito longe das salas de aula, sendo substituído por tédio e apatia total ao ler textos literários. Portanto, precisa-se encontrar um meio eficiente para que a beleza da obra literária seja revelada aos nossos alunos.

As forças libertárias de Barthes

Roland Barthes em sua obra *Aula* indica três forças da literatura que considera imprescindíveis presentes em um texto literário, são elas: *Mathesis*, *Mimesis*, *Semiosis*, forças essas capazes de agir sobre o poder opressor da língua.

Segundo Barthes, é na *Mathesis* que “a literatura assume vários saberes” (2013, p.18), pois observamos que uma obra não é restrita a um único conhecimento como nas outras disciplinas. Podemos encontrar informações históricas, geográficas, éticas como no exemplo citado pelo autor, o romance de *Robinson Crusoe*, que mescla conhecimentos antropológicos, botânicos e sociais dentre outros. Conforme o autor, “a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles: ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso” (2013, p.18).

A literatura permite que os saberes não se fixem, nem se tornem isolados, o que provavelmente nos assegura buscar a identificação com a realidade descrita, para, não só construir significados, bem como para adquirir uma gama de informações, que talvez colabore com a formação do indivíduo. Nesse sentido, é possível que todo esse conhecimento auxilie e leve o educando a perceber seus problemas em seu meio social, e eventualmente o torne mais humano, como afirma Barthes “é nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista; ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real” (2013, p.18).

A literatura se realiza através da representação do real, e os saberes contidos nela não se mostram como algo definido, fixo e único, uma vez que o texto é campo de várias interpretações. Ela nos mostra saberes possíveis, e nos permite refletir sobre cada um, advindo de um discurso que já não é mais epistemológico, mas sim originado pelo real, o que nos possibilita visualizar a dinamicidade da linguagem por meio da dramaticidade que encena o monumento literário (BARTHES, 2013).

São perceptíveis as dificuldades dos alunos ao interpretarem e discutirem um texto literário: observar suas peculiaridades, seu valor expressivo, buscar traços que o ajudem a decifrar as metáforas, a simbologia das palavras, que o façam definitivamente entender o que foi lido e também o que texto tem a oferecer de mais profundo dentro de seus saberes.

A figura do professor mediador é ainda mais requisitada, tendo em vista todas essas dificuldades do aluno, uma vez que é ele quem apresenta a obra literária e a encaminha por meio da leitura. Então, é preciso que escola e professor trabalhem em conjunto, ao buscarem as melhores alternativas para a formação do estudante.

Parece fundamental que o professor seja visto pelos aprendizes como um espelho, ao refletir o seu encanto pela literatura. Possivelmente assim, os alunos se constituirão também como amantes da leitura e de suas experiências, uma vez que juntos poderão trocar experiências leitoras, nascendo “esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo” (BARTHES, 2013, p.21).

A segunda força da literatura, proposta por Barthes, em sua obra é a *Mimesis*. Esta força diz respeito ao poder que a literatura tem de representação. O autor revela que “o real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura” (BARTHES, 2013, p.22).

Barthes (2013) afirma que desde os tempos antigos a literatura inspira-se na representação de alguma coisa, mais precisamente: o real. E é, por essa vontade, por essa busca da representação, que a literatura se torna irrealista. A *Mimesis* revela essa contradição da literatura em querer recriar o impossível. É a essa função que Barthes denomina função utópica.

Diante dessas afirmações, o autor afirma que não há outra saída para o escritor senão a utilização da teimosia ou o deslocamento que o liberta de aprisionar-se a uma forma ou estrutura. Assim, é importante salientar que essa força de representação - a *Mimesis* - poderá fazer com que o leitor se reconheça em cada objeto representado, o que pode propiciar sua aproximação do texto literário. Por teimar e deslocar-se é que a linguagem se instaura como um jogo. Neste sentido, Barthes demonstra a terceira força da literatura designada como *Semiosis*:

Pode se dizer que a terceira força da literatura, sua força propriamente semiótica, consiste em jogar com seus signos em vez de destruí-los, em colocá-los em maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas. (BARTHES, 2013, p.28-29)

É por isso que a literatura consegue ser a única forma de ludibriar o poder da linguagem, visto que o jogo realizado com as palavras faz com ela nunca seja vista de uma única forma. Nunca se apropriará de um caráter homogêneo, mas sim heterogêneo

do dizer, do expressar por intermédio das palavras, ao assumir novos significados e variadas representações.

A semiologia se volta ao texto, uma vez que ele é designado por Barthes (2013) como próprio índice do despoder, ao ser capaz de atribuir vários sentidos e interpretações, ao desvincular as palavras de uma única via de explicação.

Essa força da literatura cria a possibilidade do leitor adentrar profundamente o texto literário, e buscar as mais diversas leituras, ao procurar atribuir aos signos, o mais adequado significado em meios a variadas interpretações que ele poderá obter. Assim, o indivíduo utilizará sua percepção para poder compreender o texto literário, ao percorrer caminhos formados pelas palavras, que podem promover diversas leituras a um mesmo texto.

Se os docentes continuarem a propor um ensino que apenas valoriza o discurso superficial e de repetição, permanecerão no campo improdutivo do qual a literatura não faz parte. Insistirão em um ensino que não estimula o uso da imaginação e não oferece ao aluno o incentivo necessário para obter a sua própria leitura em meio as diversas possibilidades que um signo pode ter. Para Barthes, “o que pode ser opressivo num ensino não é finalmente o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto” (2013, p.43).

Assim, pode-se dizer que as forças da literatura, constituídas por Roland Barthes, são caminhos essenciais para que os educandos compreendam o quanto o texto literário tem a contribuir para a formação do ser humano.

Os Contos de Machado de Assis: Uma alternativa para o trabalho em sala de aula

As obras canônicas, muitas vezes, são desprezadas em sala de aula por serem consideradas, por professores e alunos, como algo obsoleto ou não representativas para discussões de temas da atualidade. Além disso, a escrita de autores canônicos é conceituada como complexa, rebuscada e de difícil compreensão, o que causa, na maioria de seus leitores, o abandono da leitura de tais obras, uma vez que, com frequência, não conseguem interpretar e nem atribuir sentido algum à linguagem literária.

Diante desse problema, é importante criar estratégias que possibilitem ao aluno entrar em contato com literatura, para que seja possível a transformação de seu modo de

ver o mundo e principalmente a si mesmo. Selecionar cuidadosamente os textos a serem trabalhados é o primeiro passo para atingir a plena leitura literária. Nesse momento de escolha, é necessário um olhar minucioso sobre essa ação, a qual auxiliará o professor em sua prática dentro de sala de aula, uma vez que as obras devem abordar temas que sejam significativos para os aprendizes.

Sobre os procedimentos de seleção Cosson reitera que “é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura” (2014, p.35), ou seja, o docente deve ser criterioso na escolha do material didático a ser utilizado no processo de letramento literário do educando.

Na visão do autor não podemos desprezar o cânone por considerar que não tenha algo atual que possa ser discutido. O cânone, além de ser considerado uma herança cultural, poderá nos trazer conceitos e temas atuais que podem ser debatidos em sala de aula, além de levar os alunos a uma identificação com suas vivências, e possivelmente, colaborará para que os alunos se interessem pela leitura. Só assim, o texto fará com que o educando indague e também reflita sobre os temas nele propostos. Deste modo, o aprendiz verá, no ato da leitura, não só uma prática de pleno deleite, mas também de fruição, ou seja, ele poderá incorporar o que foi lido às suas vivências e reconhecê-la também como forma de conhecimento.

Assim, a escolha por leitura de contos de autores canônicos parece uma alternativa para um primeiro contato do aluno. O acesso a esses textos pode constituir uma alternativa viável para formarem leitores assíduos, ao possibilitar o professor investir nos aspectos, que permitem fazer analogias e críticas à realidade, explorar saberes e os diversos sentidos presentes no texto, além de trabalhar outros recursos da linguagem.

O trabalho com contos é imprescindível em sala de aula também por apresentar, geralmente, uma pequena extensão, o que pode contribuir como fator facilitador em relação ao tempo de leitura, pois esta poderá ser feita inúmeras vezes e ainda compartilhada entre os alunos.

Esse gênero literário, ao ser bem explorado, trará à tona situações que suscitarão discussões e questionamentos em sala de aula, além da representação de fatos facilmente reconhecidos pelos alunos, levando-os a entender melhor sua realidade, como acrescenta Silva:

[...]a leitura de contos pode estimular o aluno-leitor a encontrar, na leitura literária, uma forma lúdica de entender melhor sua própria realidade. Ao ler narrativas curtas, que exijam uma resposta mais rápida e dinâmica do receptor, o aluno pode se sentir mais atraído pelo texto. (SILVA, 2005, p. 93)

Os contos de Machado de Assis são opções de textos literários que possivelmente alcançarão bons resultados em trabalho dentro do ambiente escolar, pois são obras que fascinam o leitor devido a sua proximidade com realidade ao desvelar o ser humano em todos os seus aspectos sejam eles positivos ou negativos. Além disso, o autor mantém o leitor preso, por meio de uma narrativa instigante, bem costurada, em busca de fatos que preencham as lacunas deixadas nas entrelinhas.

A partir de pequenas pistas deixadas nos textos, vamos construindo sentidos e passamos a defender uma visão, que cabe aqui ressaltar não é a única, pois os textos de Machado de Assis nos trazem a riqueza da plurissignificação, na qual vários sentidos dialogam entre si. Tudo isso é criado por meio de como se posicionam as personagens e ainda serão encontrados nos pequenos detalhes descritos nos textos, como gestos e olhares que também transformam-se, a todo instante, em questionamentos para o leitor. Gotlib confirma:

[...] os contos de Machado traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas as mais benévolas, porém nunca ingênuas. Aparecem motivadas por um interesse próprio, mais ou menos sórdido, mais ou menos desculpável. Mas é sempre um comportamento duvidoso, que nunca é totalmente desvendado nos seus recônditos segredos e intenções. (GOTLIB, 1991, p.77)

Os textos de Machado de Assis se constituem em uma grandiosa e oportuna via de aproximação do aluno com a leitura literária. Porém, é preciso que sejam trabalhados e explorados de uma forma efetiva e significativa em sala de aula, para assim tornarem-se interessantes e relevantes para os educandos. É preciso que o professor repense sua prática e não veja obras de autores canônicos como algo complexo de ser desenvolvido.

Deste modo, autores como Machado de Assis não devem ser negligenciados e de nem descartados no contexto escolar, uma vez que seus contos são carregados de elementos históricos e ideológicos e “também instrumento para a formação de leitores indivíduos capazes tanto de compreender o sentido do texto como de fruir do prazer dessa leitura” (VASCONCELOS, 2012, p.8).

A carteira e O enfermeiro: uma análise na perspectiva barthesiana

O conto *A carteira* narra a história de Honório, um jovem advogado que passa por um momento financeiro difícil até encontrar um objeto que poderá mudar essa situação: uma carteira. Para sua surpresa, dentro dela está a quantia de dinheiro necessária para lhe tirar de boa parte da dificuldade pela qual vem passando, pois tem muitas dívidas a sanar. Honório fica dividido entre procurar o dono da carteira e entregá-la, ou ficar com a carteira e abater algumas de suas dívidas. Esse fato, desencadeia na personagem um conflito interior entre primar pelo bom caráter, a honestidade e a boa ação, versus suprir sua necessidade, ter a consciência pesada e carregar a vergonha por ter uma atitude desaprovada pela sociedade.

De repente, Honório olhou para o chão e viu uma carteira. Abaixar-se, apanhá-la e guardá-la foi obra de alguns instantes. Ninguém o viu, salvo um homem que estava à porta de uma loja, e que, sem o conhecer, lhe disse rindo:

- Olhe, se não dá por ela; perdia-a de uma vez.

- É verdade, concordou Honório envergonhado. (ASSIS, 2003, p.66)

A situação vivida por Honório de passar por dificuldades financeiras e viver a dualidade entre ser honesto ou suprir suas necessidades, é algo muito próximo de nossa realidade. Encontramos nessa passagem uma das forças citadas por Barthes, a *Mimesis*, que lembra o poder que a literatura tem de representar o real, ao tentar, obstinadamente, estabelecer, a conexão entre ficção e realidade.

O texto literário, visto por essa perspectiva barthesiana, pode tornar-se próximo ao leitor, fazendo o indivíduo reconhecer-se nas ações que movimentam a narrativa. O fato de encontrar documentos e dinheiro perdido por alguém, é algo que pode acontecer no cotidiano de qualquer pessoa.

Eis o ponto. A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia, ou anunciá-la; mas tão depressa acabava de lhe dizer isto, vinham os apuros da ocasião, e puxavam por ele, e convidavam-no a ir pagar a cocheira. (ASSIS, 2003, p.68)

A escola é espaço propício para a reflexão e transformação do homem. Pode, por meio do estudo com textos literários, fazer com que o aluno reconheça no texto

situações reais e se posicione, mesmo que de modo imaginário, possibilitando a humanização do indivíduo.

Depois de encontrar a carteira e ficar em dúvida entre ser honesto, ou solucionar seus problemas financeiros, Honório, ao mexer dentro dela, descobre que ela pertence ao seu grande amigo Gustavo, frequentador de sua casa. A dúvida e o peso na consciência de Honório ficam ainda maiores, pois agora, além de questionar valores como a honestidade, entra em cena outro sentimento: a traição.

Nesse momento, percebe-se mais uma vez, a força da representação da realidade, postulada por Barthes. Numa situação dual como esta, em que o indivíduo é obrigado a escolher um caminho ou outro, vemos a grandeza da obra literária, que oportuniza a educação do sujeito, não no sentido moral da palavra, ou seja, apenas para o bem, mas de colocar à prova o caráter humano.

Sabe-se que, o texto literário é espaço de reflexão, questionamentos e possível humanização do indivíduo. Diante desta circunstância vivida por Honório, cabe também questionar o comportamento da personagem. Ao perceber que a carteira era de Gustavo, Honório mostra-se decepcionado com a descoberta e desiste da possibilidade de ficar com a quantia encontrada, e deixa claro que irá devolver a carteira ao amigo, e depois verá outra solução para seus problemas.

A descoberta entristeceu-o. Não podia ficar com o dinheiro, sem praticar um ato ilícito, e, naquele caso, doloroso ao seu coração porque era em dano de um amigo. Todo o castelo levantado esboroou-se como se fosse de cartas. Bebeu a última gota de café, sem reparar que estava frio. Saiu, e só então reparou que era quase noite. Caminhou para casa. Parece que a necessidade ainda lhe deu uns dois empurrões, mas ele resistiu. "Paciência, disse ele consigo; verei amanhã o que posso fazer. (ASSIS, 2003, p.69)

Contudo, fica uma dúvida nas entrelinhas: e se a carteira não fosse do amigo de Honório, fosse então de um desconhecido, haveria a possibilidade de ficar com o objeto? Se a carteira fosse de um estranho, sua culpa seria menor? Nota-se que o leitor atento, é mais uma vez colocado à prova de sua possível decisão diante de um caso como esse. Honório passa por esse calvário de dúvidas, porque assim como qualquer outra pessoa da vida real, busca ter suas atitudes aprovadas pelo meio social.

o que Honório não esperava é que toda sua luta interior para manter sua reputação, tinha como prêmio a traição de sua esposa Amélia com seu amigo Gustavo, mantendo um caso amoroso revelado no final do conto, apenas para o leitor, pois

segundo o narrador, Honório preferiu não ler nenhum bilhete encontrado na carteira, e que revelaria a traição, ficando então sem saber do que se passava entre Gustavo e Amélia. Outra força da literatura apresentada por Barthes é a *Mathesis*. Essa força literária nos mostra que, por meio da literatura, somos capazes de ter acesso a outros saberes, a outras áreas do conhecimento.

O comportamento humano e sua relação com o meio social é algo muito forte no conto *A carteira*, o que o torna um interessante objeto de observação do comportamento humano, elemento essencial de estudo para a filosofia e sociologia na observação do homem e de sua relação com o meio em que vive. O conceito de ética pode ser bem explorado neste conto. Além disso, o leitor mais ávido por conhecimento, provavelmente sentirá curiosidade de, por meio de cálculos matemáticos, saber quanto valeria nos dias de hoje, os quatrocentos mil réis de dívidas de Honório e os quase setecentos mil réis achados.

Nesta perspectiva, observam-se os vários saberes contidos no texto literário, saberes estes os quais podem ser trabalhados de forma interdisciplinar na sala de aula e proporcionar aos educandos a atribuição de uma nova visão à literatura, o que pode comprovar que os textos literários não se fixam, mas sim fazem girar saberes, como afirma Barthes.

Outra força muito presente nos textos literários e notoriamente vista nos contos de Machado é a *Semiosis*. No conto *O enfermeiro* o jogo desenhado pelo autor, faz os leitores duvidarem do caráter das personagens, principalmente do protagonista. As passagens do conto oferecem pistas, contudo, deixam o leitor livre para conferir sentidos às lacunas instituídas no texto.

O conto narra a história de Procópio, um enfermeiro, que relata a um interlocutor desconhecido, sua vida como cuidador do Coronel Felisberto e o drama de consciência vivido durante anos em razão da autoria de sua morte.

O narrador descreve todo o período em que trabalhou como enfermeiro para o riquíssimo Coronel, que por ser chato e rabugento, havia motivado os inúmeros pedidos de demissão de enfermeiros anteriores. Por causa disso, o padre da cidade viu em Procópio a última tentativa para ajudar o velho doente.

A narrativa inicia-se com a descrição de Procópio dando destaque a sua profissão e descrevendo que se fez teólogo ao copiar os trabalhos do amigo. Logo, no início da narrativa de Machado de Assis, são desvelados, não só o caráter duvidoso do

protagonista, mas também são descritas as características do velho Felisberto, definido como insuportável, estúrdio, exigente. Em suma: ninguém o aturava.

Já sabe que foi em 1860. No ano anterior, ali pelo mês de agosto, tendo eu quarenta e dois anos, fiz-me teólogo, — quero dizer, copiava os estudos de teologia de um padre de Niterói, antigo companheiro de colégio, que assim me dava, delicadamente, casa, cama e mesa. [...] O padre falou-me, aceitei com ambas as mãos, estava já enfiado de copiar citações latinas e fórmulas eclesiásticas. [...] Chegando à vila mais notícias do coronel. Era um homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos. (ASSIS, 2007, p.79)

O ceticismo é uma das características da obra machadiana que se destaca no conto, e, no decorrer da narrativa, levantará questionamentos em relação ao caráter das personagens. No entanto, o texto construiu caminhos que induzirão o leitor a constituir uma incerteza em relação aos fatos narrados.

Procópio começa a trabalhar para o coronel e, nos primeiros dias, apresenta uma relação de cordialidade com o doente. Porém, o tempo passa e ele começa a ser tratado como seus antecessores, logo, surgem as maldades do coronel que passa a humilhá-lo por meio de agressões verbais:

Eram assim as pazes; imagine a guerra. Coibiu-se das bengaladas; mas as injúrias ficaram as mesmas, se não piores. Eu, com o tempo, fui calejando, e não dava mais por nada; era burro, camelo, pedaço d'asno, idiota, moleirão, era tudo. Mais de uma vez resolvi sair; mas, instado pelo vigário. Ia ficando. (ASSIS, 2007, p.81)

O protagonista resiste. No entanto, Felisberto continua seus ataques e acaba entrando em uma crise de loucura. Em uma noite Procópio, ao tentar socorrê-lo, é atingido por uma moringa lançada por ele. Depois de tantas raivas passadas, o enfermeiro não resiste e o mata esganado. A partir desse fato começamos a inferir opiniões sobre seu comportamento e seu caráter.

A história vai se desenrolando e vemos como Machado de Assis constrói um jogo por meio de sua linguagem, que é por sua vez carregada de ironia, e faz o leitor acreditar por um momento na “bondade” de Procópio e em um pequeno instante julgá-lo culpado pela morte do coronel. No transcorrer do conto, observamos a inversão das personalidades, causando ao leitor uma certa hesitação: Procópio é culpado pela morte do coronel ou é apenas mais uma vítima do rabugento coronel Felisberto? O protagonista estaria com intenção de ficar com a herança de Felisberto e por isso suportou seus insultos e agressões?

Quando percebi que o doente expirava, recuei aterrado, e dei um grito; mas ninguém me ouviu. Voltei à cama, agitei-o para chamá-lo à vida, era tarde; arreventara o aneurisma, e o coronel morreu. Passei à sala contígua, e durante duas horas não ousei voltar ao quarto. Não posso mesmo dizer tudo o que passei, durante esse tempo. Era um atordoamento, um delírio vago e estúpido. [...]digo-lhe que eu ouvia distintamente umas vozes que me bradavam: assassino! Assassino! (ASSIS, 2007, p. 82)

São momentos como esses em que se percebe a presença da plurissignificação, da heterogeneidade que faz com que o texto literário nunca seja visto por uma única via de explicação. Essa força da literatura, a *semiosis*, concede várias possibilidades de significação às narrativas, imagens, expressões existentes no texto literário.

Nos contos de Machado de Assis essa força se faz muito presente, pois o autor constrói sua história por meio de uma linguagem ambígua constituída por fatos bem entrelaçados, o que faz com que o leitor busque pistas para compreender episódios ocorridos na narrativa, para assim fortalecer suas convicções e defender seu olhar perante um fato.

Em sala de aula pouco se explora as diversas interpretações presentes no texto. Muitas vezes, professores e alunos repetem o mesmo discurso como se fosse o único meio de elucidação dos fatos. É necessário que os docentes proporcionem ao educando a visualização das possibilidades que o texto apresenta, sem impor nenhum, deixando-os livres para obterem suas próprias conclusões, e assim traçarem perspectivas e construam as suas próprias convicções.

Nesse contexto, a construção de uma atividade que proporcione o debate no qual obtivéssemos os pontos negativos e positivos de Procópio e Felisberto, todos embasados nas passagens descritas no texto, deixaria claro aos alunos – leitores, o porquê do posicionamento tomado e seria uma forma atrativa para trabalhar o texto literário por meio da perspectiva barthesiana.

A riqueza da plurissignificação permeia todo o conto e outros trechos continuam a mostrar a dubiedade dos fatos em relação ao caráter do protagonista como a passagem final do conto, na qual Procópio relata que procurou vários médicos para constatar que o coronel Felisberto iria morrer a qualquer momento em virtude da sua enfermidade: “Todos os médicos a quem contei as moléstias dele, foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resistido tanto tempo” (ASSIS, 2007, p. 87). Seria uma

forma de mostrar para si mesmo que não teria culpa ou apenas um álibi de quem quer se redimir dos seus pecados à beira da morte?

A narrativa de Machado de Assis nos revela que o leitor é um componente importante, nesta ação de decifrar o texto literário, pois ele será o responsável por atribuir sentidos às mensagens descritas no texto, mas também completar os espaços deixados nas entrelinhas, o que exige uma sensibilidade maior de percepção por parte de quem a interpreta. Nesse contexto, o leitor não só será instigado a refletir, como também buscará alternativas para sustentar seu posicionamento.

Portanto, é válido ressaltar que o texto literário não impõe verdades, mas sim, instiga os alunos a buscarem meios de construir significados, ao proporcionar reflexões e discussões. É o primeiro passo para que os alunos contemplem a literatura com um novo olhar, e possam extrair a essência do texto literário por meio das forças propostas por Barthes.

Proposta de atividades com os contos *A carteira* e *O enfermeiro*

A partir do que foi exposto, sugerimos alternativas de atividades que busquem extrair as forças propostas por Barthes nos contos *A carteira* e *O enfermeiro*, para que os momentos de leitura literária sejam mais envolventes e atrativos para o educando, e com isso possa existir a possibilidade de modificar seu conceito em relação à leitura de textos literários.

No conto *A carteira* recomenda-se o trabalho com a *Mimesis* por meio de vídeo de reportagem, que fale sobre o fato de encontrar uma grande quantia em dinheiro. O professor colocará frente a frente o texto literário com os fatos reais, apresentando um problema por meio de vídeos de reportagens para que o aluno apresente uma solução. Dentre os vídeos selecionados estarão fatos semelhantes aos dos descritos nos textos como devolver ou não objetos perdidos, ou a fidelidade das amizades.

Ao trabalhar nessa perspectiva, pode-se levar o aluno a pensar e a perceber que o texto literário representa a realidade por ele vivida, e que ao ler o conto estará questionando o seu mundo e das pessoas ao seu redor. Fazer com que o educando obtenha essa visão, tornará a leitura muito mais envolvente e significativa para ele.

Outra proposta de atividade a ser desenvolvida em sala de aula, a qual proporcionaria ao aluno construir diálogos entre as situações vividas e a história narrada, seria a dinâmica “O visitante”.

Após a leitura e a discussão do conto *A carteira*, o professor pedirá que os alunos formem um círculo e chamará um deles, que assumirá o papel de visitante da narrativa. No conto, Honório o protagonista da história, encontra uma carteira na calçada. Dessa forma, o professor iniciará dizendo: “Felipe (o aluno) visitou a história e viu ...”. Nesse momento, o aluno transforma-se em personagem e contará o que viu e o que faria se estivesse vivido todos os fatos, outra sugestão nessa mesma dinâmica seria a de colocar o educando no lugar de Honório. Deste modo, o aluno colocaria a sua visão e seu posicionamento perante os fatos descritos.

Em relação à *Mathesis*, seria interessante que o professor trabalhasse de forma interdisciplinar ou utilizasse os temas transversais. Logo, propomos o desenvolvimento de atividades como o debate que enfatizassem o tema transversal Ética.

Os alunos, divididos em dois grupos, ficariam responsáveis por explicar temas expostos no conto, como: a questão de devolver a carteira ou não; a questão da fidelidade nas amizades e relacionamentos. Após a explanação dos temas, o debate seria iniciado pelos alunos que colocariam os prós e contras destas situações, sempre se posicionando em relação às opiniões dos colegas. Em outra perspectiva, seria utilizada a matemática por meio de pesquisa, verificando quantos alunos devolveriam a carteira se achassem e ninguém tivesse visto. Ao desenvolver atividades como esta, os alunos perceberiam os saberes presentes no texto literário e como é fundamental essa discussão para sua vida.

Já no conto *O enfermeiro*, propomos o trabalho com a terceira força proposta por Barthes: a *semiosis*. Nesse, aconselha-se o desenvolvimento do júri simulado. Nesta dinâmica, o réu seria Procópio que seria acusado pela morte do coronel Felisberto. A turma seria dividida em três grupos: um grupo de acusação, outro de defesa e o terceiro responsável pelo veredito final. Essa atividade permite ver as possibilidades de interpretações contidas na obra literária, além de visualizar quais pistas presentes no texto que levarão a confirmar o posicionamento a ser defendido.

Considerações finais

A literatura está visivelmente sendo negligenciada nas práticas educativas desenvolvidas no meio escolar. Por isso, é necessário que tanto professores, quanto alunos repensem seus conceitos em relação a leitura de textos literários.

Construir atividades significativas para que sejam aplicadas em sala de aula é o primeiro passo para mudar esta perspectiva, uma vez que se deixa de lado o ensino enfadonho de literatura, preso a monotonia de atividades que não contribuem de nenhuma forma para as vivências dos educandos.

Compreender a importância da literatura na vida do Ser Humano torna-se imprescindível para o docente que deve estar ciente que o bom desenvolvimento da aula de literatura dependem de uma boa seleção de textos e de práticas metodológicas adequadas e relevantes para o aluno.

O desenvolvimento de atividades com o foco nas forças libertárias de Barthes e o trabalho com os contos de Machado de Assis, possivelmente, propiciará aos alunos um novo modo de ver o texto literário. O trabalho nessa perspectiva mostrará ao educando a riqueza das obras em relação às vivências, significados e o quanto podem questionar, refletir e incorporar todos esses ensinamentos e conhecimentos para o enriquecimento de suas experiências. Mostrará ainda, a alunos e professores, que é possível deixar de lado, o ensino voltado para práticas que priorizam a listagem de tópicos e a memorização de datas de movimentos literários, e sim, centrar-se na apreciação das obras literárias contemplando todos seus aspectos.

Portanto, construir práticas literárias significativas em sala de aula torna-se um grande desafio, contudo deve ser enfrentado, pois um ensino literatura pleno, poderá transformar vidas e nos levar a acreditar na construção de um ser humano melhor.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. O saldo da leitura In: DALVI, Maria Amélia; RESENDE Neide Luiza de (org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

ASSIS, Machado. O enfermeiro In: **Contos Escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. A Carteira In: **Contos de Machado de Assis**. São Paulo: Editora DCL, 2003.

BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: _____. **Vários Escritos**. 3 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do Conto**. 6.ed. São Paulo: Ática, 1991.

PAULINO, Graça; Saberes literários como saberes docentes. In: **Presença pedagógica**. Belo Horizonte, v.10, nº 59, pp. 55-61, set./out., 2004.

_____. **Leitura literária**. Glossário CEALE. Disponível em: ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/leitura-literaria. Acessado em: 15 de dezembro de 2016.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula**: da teoria à prática escolar. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. Introdução. In: GUIMARÃES, Alexandre Huady Torres; BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **Língua e Literatura**: Machado de Assis na sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs). **Escola e leitura**: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.